

O PAPEL DA FELICIDADE NO PENSAMENTO DE AGOSTINHO

THE ROLE OF HAPPINESS IN AUGUSTINE'S THOUGHT

Lorrany Pereira de Sousa ¹

RESUMO: Este trabalho nos traz reflexões por meio do pensamento do filósofo Agostinho (354 - 430) sobre a real felicidade e uma busca por um novo sentido que move o ser humano compreende-se que buscar a felicidade não é propor um caminho de enfermidades, mas percorrer uma trilha com significados que levam as pessoas se descobrirem melhor e que a sua volta oferece meios pelo qual podem alcançar uma vida feliz. Para tanto, faz-se necessário a seguinte indagação: Qual é a importância de conhecer o conceito de felicidade sob a ótica de Agostinho? Dessa forma, objetivou-se identificar e reconhecer a verdadeira felicidade e sua inquietude da alma. Na sequência apresentamos os objetivos específicos: Entender porque a filosofia de Agostinho é essencialmente uma fusão das concepções cristãs com o pensamento subordinando a razão e a fé; Entender por que Agostinho de Hipona afirma existir verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus; Identificar qual teoria agostiniana afirma ser a ação de Deus que leva o homem a atingir as verdades superiores; Identificar algumas razões que Agostinho afirma que a mente humana é mutável e falível, e, como atingir, a partir dela, a verdade eterna.

Palavras-chave: Conceito; Felicidade; Racionalidade.

ABSTRACT: This work brings us reflections through the thinking of the philosopher Agostinho (354 - 430) about real happiness and a search for a new meaning that moves the human being. It is understood that to seek happiness is not to propose a path of illnesses, but to travel a trail with meanings that lead people to discover themselves better and that around them offers means by which they can achieve a happy life. Therefore, the following question is necessary: What is the importance of knowing the concept of happiness from the perspective of Augustine? Thus, the objective was to identify and recognize true happiness and its restlessness of the soul. In the sequence we present the specific objectives: Understand why Augustine's philosophy is essentially a fusion of Christian conceptions with thought subordinating reason and faith; Understand why Augustine of Hippo affirms that there are superior and inferior truths, the first being understood from the action of God; Identify which Augustinian theory claims to be the action of God that leads man to attain higher truths; Identify

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade federal do Piauí (UFPI). O presente texto foi fruto de apresentação de trabalho de TCC apresentado no semestre de 2021.1 para a obtenção do grau de licenciada em Filosofia da UFPI. Por fim, orientado pelo professor Dr. José Aldo Camurça de Araújo Neto.

some reasons that Augustine affirms that the human mind is changeable and fallible, and, how to reach, from it, the eternal truth.

Keywords: Concept; Happiness; Rationality.

1- Introdução

O presente trabalho busca captar o real significado do conceito de felicidade em Agostinho (354-430). Esse filósofo e estudioso viveu no século IV numa época em que havia grande inquietude na alma, justamente por querer se descobrir e se conhecer no mundo. Analisando sua vida e valorizando sua humanidade, somos capazes de percorrer por meio de sua história, um vasto caminho, marcado pelas dores existenciais sendo sua maior busca a felicidade. Compreende-se que buscar a felicidade não é propor um caminho de enfermidades, mas percorrer uma trilha com significados que levam as pessoas se descobrirem melhor e que a sua volta oferece meios pelo qual podem alcançar uma vida feliz. Com isso, o ser humano pode refletir sobre a sua história de vida mediante a era contemporânea marcada pelo capitalismo globalizado e pela virtualidade.

Ainda assim, o autor medieval foi direcionado pelo desejo de buscar além da materialidade a enfermidade. Na presente exposição algumas reflexões a respeito da felicidade levarão em conta o homem enquanto carência de ser conhecido e de conhecer-se, relacionar-se e descobrir-se como um ser feliz. O autor mistura causalidade e experiência na busca pela felicidade, sem tentar conceituar aquilo que afirma não conhecer. Segundo ele, a análise da vida feliz transcende o próprio perceber enquanto experiência, isto é, ela faz aquele que percebe caminhar na direção daquilo que é percebido. Em outras palavras, Agostinho admite a existência da vida feliz a partir de uma percepção que não se dar pela ocasião de uma experiência específica, mas através de várias presenças e de várias ausências percebidas ou desejadas, compõem um ideal de um estado final a ser alcançado.

Partindo dessa prerrogativa, o presente estudo tem como principal objetivo identificar e reconhecer a verdadeira felicidade e sua inquietude da

alma com base na filosofia . No primeiro momento apresentamos as principais influências filosóficas na vida de Agostinho para que ele pudesse dar suporte racional ao cristianismo através da crença, firmando-se ao neoplatonismo, encontrando a diversidade entre o ser absoluto e o ser participado. Através dessas influências, Agostinho aprendeu o modo correto de abordar a Bíblia que, conseqüentemente, tornou-se compreensível e inteligível, chegando ao amadurecimento espiritual escondido sob o sentido literal da Escritura.

No segundo momento abordaremos as concepções cristãs entre a razão e a fé em meio à felicidade definida sob a ótica de Agostinho. Bem como discutiremos sobre a teoria da iluminação natural divina e a relação corpo-alma no homem como um processo de interiorização e busca, encontrando a felicidade e as verdades em um Deus que nos ilumina, estando elas já anteriormente em nosso espírito agostiniana.

2-As influências filosóficas de Agostinho

Agostinho de Hipona, entusiasmado pela doutrina neoplatônica cristã, escreveu sobre O homem e o tempo, contido em sua obra Confissões. É importante ressaltar que as influências que Agostinho teve da doutrina neoplatônica não vieram gratuita e diretamente das obras de Plotino, mas antes, da releitura que Ambrósio fez dos escritos de Orígenes imersos numa atmosfera neoplatônica e cristã.

O autor medievo não ficou indiferente às influências de seus predecessores cristãos. O neoplatonismo que assimilou foi aquele que Orígenes e Ambrósio assimilaram e transformaram em neoplatonismo cristão. Assim, temos duas doutrinas neoplatônicas: de um lado, o neoplatonismo grego permeado pela metafísica, cosmologia e teologia, com todos os elementos da cultura grega, especialmente a filosofia de Platão, algumas vezes da física e da metafísica de Aristóteles, não ficando de fora os filósofos pré-socráticos, citados por Plotino, como é o caso de Parmênides e de Heráclito. No início da nossa era, as filosofias da transcendência estavam em alta, na medida em que as filosofias

materialistas, como exemplos o estoicismo e o epicurismo, não atendiam mais aos anseios de salvação num momento de crise.

Por outro lado, temos o neoplatonismo cristão, isto é, o neoplatonismo dos padres da igreja que faziam exegeses e elaboravam alegorias das Sagradas Escrituras, mas ao mesmo tempo assimilavam, sintetizavam e rebatizavam a filosofia grega. Tal rebatismo consistiu na tentativa de mesclar elementos da cultura cristã da época com a metafísica grega, em especial a platônica, de modo a reoxigenar a própria doutrina religiosa.

Essa tentativa gerou consequências importantes na filosofia agostiniana: a principal delas, a receptividade da filosofia de Platão no pensador medieval. Tal recepção se percebe, por exemplo, na concepção platônica da teoria das ideias. De um lado, o mundo sensível e, portanto, mutável, envelhecido, não consistente e não autossuficiente; do outro lado, um mundo espiritual, por conseguinte, inascível, imarcescível, imutável e eterno. Ainda assim, não nos esqueçamos da presença dos filósofos neoplatônicos.

A palavra “platônicos” (*platoniorum*) foi a mola que impulsionou Agostinho a querer compreender toda a tradição platônica que o precedera. Assim, além de Plotino e Porfírio, ele também menciona Jâmblico, Apuleio, Hermes Trismegisto e, no *Contra os acadêmicos* - primeiro dos diálogos de Cassiciaco -, já se encontra uma análise das temáticas fundamentais da Academia de Platão e uma crítica às tendências céticas que nela se introduziram através dos nomes citados por Agostinho notoriamente como: Arquésilau de Pitane, Carnéades de Cirene, Filão de Larissa e Antíoco de Ascalona.

Certamente, a questão é saber qual dos dois “filósofos platônicos” sobre o qual Agostinho se debruçou os estudiosos e dedicou-se em prioridade a esses pensadores: se a Plotino ou a Porfírio. Porém, é compreendido em outros exaltações dirigidas a Porfírio que levaram recentemente alguns estudiosos como Hadot, Dörrie, Madec, a atribuírem o primado ao discípulo de Plotino quanto a uma influência neoplatônica sobre o pensamento agostiniano.

Ali (nos livros dos “filósofos platônicos”) eu achei escrito, se não com as mesmas palavras, mas com um sentido absolutamente igual e com o apoio de muitas e variadas razões, que no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi

feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. (AGOSTINHO, 2002, p. 223)

Observamos que, nesta passagem, Agostinho não acrescenta aos versículos do Evangelho a noção de uma *creatio ex nihilo*. Percebe-se que tanto em Plotino quanto em Platão que na tradição clássica grega em geral não encontramos o conceito de criação, pelo menos na forma como ele atribuído pela concepção cristã de uma criação do nada.

Verdade também é que, no *Timeu*², já se acha presente a ideia de uma criação do mundo, embora não se trate propriamente de uma criação, mas de uma formação, ou de uma plasmação que opera o Demiurgo a partir dos paradigmas contemplados. Onde poder-se concluir: o ponto essencial de divergência entre a concepção platônica e a concepção agostiniana de Deus reside justamente na doutrina da encarnação. Nesse sentido, Agostinho é tributário de toda a tradição cristã que o precedera, tanto daquela do Novo Testamento quanto daquela que desenvolverão os Padres Apostólicos e os Apologetas dos séculos 2-3.

Como vimos no início dessas reflexões, o que distingui a “sabedoria cristã” da “sabedoria grega” é precisamente o paradoxo da encarnação, pelo qual o Logos do que é atemporal e universal. Mas, Agostinho também se destaca da tradição platônica na medida em que desloca o acento da doutrina da reminiscência para uma análise da memória centrada sobre o indivíduo, a sensibilidade e os mecanismos de defesa que o sujeito, inconscientemente, constrói.

Em certa instância suas deliberações determinaram o modo de pensamento ocidental, que se moldou ao pensamento proposto pelo Cristianismo, enquanto os ideais gregos perderam-se na sua própria incapacidade de responder a todas as perguntas.

Entretanto, diferente de Platão, Agostinho não construiu um sistema filosófico completo, ainda que as ideias básicas se mantenham constantes e

² *Timeu* é um dos diálogos de Platão, com um longo monólogo do personagem-título, escrito por volta de 360 a.C. BRISSON, L. Platon. *Timée - Critias*. Paris, GF Flammarion, 3^a ed. 2001

acusem um claro predomínio platônico. Ele percebia na ação filosófica a possibilidade de solucionar os problemas da vida, sendo o Cristianismo o elemento solucionador por completo das questões levantadas por essa ação. Assim, suas reflexões partem das coisas que passam ao seu redor, das ideias dominantes, dos ataques contra a fé, da interioridade da sua alma, das coisas da vida.

Diante da argumentação exposta anteriormente, a receptividade de autores como Ambrósio, Porfírio e Plotino influenciou Agostinho. Mais do que isso, o autor assume, a partir daí, uma ideia de felicidade baseada na beatitude. Fará sentido essa afirmativa no próximo tópico do texto quando analisaremos o papel de Deus e do livre-arbítrio na teoria agostiniana.

3-A felicidade e as concepções cristãs entre a razão e a fé na filosofia de Agostinho

Por inúmeras vezes, Agostinho considerou a felicidade e as relações entre a fé e razão com base em suas experiências pessoais. Ele pôde perceber que a felicidade não se manifesta de forma única, pronta e acabada, tendo em vista que no decorrer da vida é possível experimentar novas formas de felicidade, e, para o pensamento agostiniano parece afluir no sentido de as “coisas” serem percebidas pelo senso unitário e coerência que vem pela experiência vivenciada. A busca pela felicidade é a maior razão de ser da vida e cada período possui uma visão ou definição sobre o que é a felicidade. Os gregos, a definiram como o prazer e o exercício das virtudes. Atualmente, mesmo com tanta superficialidade, muitos buscam e encontram em Deus a sua verdadeira felicidade.

A ideia de alegria enraizou-se-me na memória para mais tarde a poder recordar, umas vezes com enfado, outras com saudade, segundo as circunstâncias em que me lembro de ter estado alegre. Assim, por exemplo, inundeimei-me de gozo em ações torpes que agora, ao lembrá-las, detesto e aborreço; ou então, alegreimei-me em atos legítimos e honestos, que lembro agora com saudade. Como os não tenho já presentes, evoco com tristeza essa antiga alegria.³

³ Confissões (2004, X, 22-32). Agostinho, também, apega-se grandemente à exigência de que a felicidade experimentada seja verdadeira, pois a simples imitação de felicidade não atenderia as verdadeiras carências que devem ser supridas definitivamente no estado chamado vida feliz.

Agostinho apela à alegria como a única lembrança que se assemelha à felicidade, mas ainda assim não entende a vida feliz como um simples prolongar da alegria, pois reconhece que existiam, em meio às suas próprias memórias, alegrias que eram pura torpeza, não podendo, assim, ser considerados caminhos para a felicidade.

Para Agostinho, a felicidade deve ser buscada não somente pelas ações da graça divina, mas também pelo esforço humano, como meio que permita fluir a felicidade. Nisto se apresenta a diferença entre a busca do ser feliz em Agostinho e nos filósofos do passado. Para o filósofo, a felicidade se concretiza na posse de Deus, em conhecê-lo plenamente pela graça Dele e plena fé na sua pessoa.

Mal ouvimos este nome, “felicidade”, imediatamente temos de confessar que é isso mesmo o que apetecemos; não nos deleitamos simplesmente com o som da palavra. Quando um grego ouve pronunciar esse vocábulo em latim, não se deleita, porque ignora o sentido. Mas nós deleitamo-nos; e ele também se deleita, se ouve em grego, porque a felicidade real não é grega nem latina, mas os gregos, os latinos e os homens de todas as línguas têm um desejo ardente de a alcançar. E assim, se fosse possível perguntar-lhes a uma só voz se “queriam ser felizes”, todos, sem hesitação, responderiam que sim. O que não aconteceria, se a memória não conservasse a própria realidade, significada nessa palavra⁴

67

É nessa ação íntima que, partindo do interior do homem, transcende em direção a Deus, que Agostinho supera o tempo, trazendo para o presente, por meio da fé, aquilo que só se consolidaria num futuro ainda desconhecido. A essa relação transcendente, Agostinho viria chamar de amizade, pois “é feliz quem possui a Deus”⁵, e se corrigindo mais tarde, diz, “será feliz quem possui a Deus como amigo”⁶ e mais adiante aperfeiçoa esse pensamento ensinando que a

Assim, tudo aquilo que alegra o homem fora de um campo moral cristão é considerado falsa alegria e, portanto, efêmero, fugindo da prerrogativa maior da *beata vita*: a eternidade

⁴ Conf., X, 20, 29

⁵ De beat. vit., III, 17

⁶ C.f. SANGALLI, Idalgo José. A beatitudo como bem supremo em Agostinho. In: STEIN, Ernildo (Org.). A cidade de Deus e a cidade dos homens de Agostinho a Vico - Festschrift para Luís Alberto de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.19.

felicidade acontece na comunhão com a Trindade.⁷ Portanto, a vida feliz se consolida como posse e comunhão de Deus. Entende-se que, na realidade, a posse e a comunhão, ou participação, são uma única coisa, um relacionamento de proximidade e de intimidade com o Criador, é uma relação ontológica.⁸

Para tanto, observando as reflexões ao pensamento agostiniano, considerando que essas expressões ocorrem no *De Vera Religione* e no *De Utilitate Credendi* corroborando a importância capital para o entendimento correto de todo o pensamento filosófico e teológico do bispo de Hipona. A relação entre fé e razão foi o âmago efetivo do método agostiniano na busca incansável da felicidade ou da sabedoria.

Em última análise, tudo se reduz à descrição do processo histórico, Agostinho afirma nas Confissões que aderiu à fé católica depois de ter percebido claramente, o quanto era razoável o passo que se propunha dar. Antes da adesão formal à fé cristã, tinha vencido etapas importantes no seu percurso para a verdade e que constituíram outras tantas premissas racionais em relação à mesma fé, a existência, a imutabilidade e providência divina.

Em seu percurso que o conduziu à fé, Agostinho começou pela razão, embora de uma forma inicial, pré-filosófica, a encostar o simples senso comum, na medida em que atende predominantemente aos motivos de credibilidade (*fides qua*). Alcançada a fé, a razão é chamada a explicar, sempre possível, o conteúdo da mesma fé (*fides quae*). A filosofia Agostiniana fundiu-se nas concepções cristãs com o pensamento platônico. Sujeitando a razão à fé, Agostinho de Hipona nos diz existir em verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus. Um de seus principais apontamentos foi a ideia de interioridade, que nos dá uma dimensão humana dotada de consciência moral e livre arbítrio.

Considerando-se que as ideias filosóficas agostinianas se tornaram verdades reveladas por Deus, através da Bíblia e dos santos, sendo inquestionáveis, tornando-se dogmas. A partir da formulação das concepções

⁷ ARENDT, 2005, p. 35.

⁸ C.f. SANGALLI, Idalgo José. A beatitudo como bem supremo em Agostinho. In: STEIN, Ernildo (Org.). A cidade de Deus e a cidade dos homens de Agostinho a Vico - Festschrift para Luís Alberto de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 101.

das ideias da filosofia cristã, abre-se a perspectiva de uma diferenciação entre verdades reveladas e verdades humanas. Assim, surgindo a distinção entre a fé e a razão. A priori o conhecimento recebido de Deus torna-se superior ao conhecimento racional, e em consequência desta própria dicotomia, surge a discussão em torno da possibilidade de conciliação entre fé e razão. No entanto, importa frisar que a fé é uma preparação para a inteligência daquilo em que se acredita.

Não obstante, Agostinho tenha sido conduzido pela busca da sabedoria/do conhecimento quando jovem, mais tarde, no exercício de sua prática religiosa, tudo o que escreveu é permeado pela ideia central da busca por Deus. A busca pela sabedoria, posteriormente identificada com Deus, é o vínculo alinhador dos questionamentos. Agostinho de Hipona vivenciou diversas experiências filosóficas, desde seu materialismo racionalista, passando pelo ceticismo, mas sempre buscando a verdade e a sabedoria, até sua substituição por uma concepção espiritualista. Jamais se negou a refutar existência de Deus fazendo com que o autor amadurecesse filosoficamente.

Sem falar ainda que no que tange às Sagradas Escrituras, passou a compreender de forma mais significativa e profunda, reafirmando existirem verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus, subordinando a razão à fé.

Assim, o filósofo de Hipona defendia que o livre arbítrio foi dado ao homem, contanto que sua utilização seja de acordo com a ética da responsabilidade, ou seja, o homem não poderia usar sua liberdade para fazer coisas erradas, pois o mesmo receberia o castigo divino, assim comprovando a sua insuficiência moral. Portanto, dessa forma, foi por esta razão pela qual Deus deu ao homem a característica de ser racional e ter o livre arbítrio para fazer suas escolhas de forma racional e correta.

4-A felicidade na perspectiva agostiniana

É importante ressaltar que o núcleo em torno ao qual gravitam todas as reflexões agostinianas têm como base o conceito de beatitude. O problema da

felicidade constitui para Agostinho todo o incentivo motivacional do pensar filosófico.

[...] o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade (Cidade de Deus) [...] a filosofia é, assim, entendida como disciplina que coloca problemas à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude (PESSANHA, In: AGOSTINHO, 2004, p. 12-13)

Agostinho demonstra a manifestação do sagrado, de Deus, no ser humano e em toda a natureza. A revelação de Deus no ser humano dá-se de forma plena já que Deus é “Aquele que é”. Esta teoria tem uma implicação muito forte neste período e vai exercer grande influência na formação do pensamento franciscano mais tarde. Ao longo de sua vida, o doutor de Hipona escreveu muitas obras acerca de como o ser humano deve se relacionar com Deus e de como chegar à felicidade plena através desta busca e da aceitação ou não da manifestação Dele em cada um. Mas não só escreveu como também viveu esta busca. Ao longo do livro “Confissões” o autor, entre outros temas, apresenta a história de sua vida e conta como saiu dos pecados mundanos para seguir a Deus e alcançar a felicidade plena. Felicidade que reside no encontro subjetivo com Deus.

Convém destacar ainda que o pensamento agostiniano envolve áreas como a epistemologia, na qual o conhecimento verdadeiro é fruto da iluminação divina, a metafísica, cujo fundamento está em Deus como livre criador de tudo e na existência do mal como fruto da desobediência humana. Também é importante citar suas ideias sobre a ética, fundamentada na relação do indivíduo com Deus e o próximo, sendo o amor a maior de todas as virtudes. Por último, no que se refere à História, o Doutor da Graça se destaca pela concepção de que a realidade possui um começo e uma finalidade, ficando evidente a possibilidade da intervenção divina em qualquer momento. Esses pressupostos orientam a forma de Santo Agostinho fazer a sua filosofia e teologia.

O filósofo medieval nos faz entender que ter fé e conhecimento mostra que somos criados e guiados por Deus, e que de alguma maneira obtemos conhecimentos de algo, assim, dessa forma, vamos nos conhecendo, nos descobrindo como também descobrindo o outro, e neste processo, o homem reconhece algo que está além do físico e do exterior e volta a si mesmo.

Agostinho foi o primeiro pensador cristão a atuar em uma síntese madura entre fé, filosofia e vida, considerando que a fé teria recebido clareza da razão, mas também que a razão teria ganhado estímulo e impulso da fé. O que leva Agostinho para além dos horizontes da Grécia é a referência ao homem, não, porém, ao homem abstrato e geral, pelo qual também os gregos se interessavam, mas ao indivíduo, ao eu singular, à pessoa.

O conceito de pessoa é elaborado por Agostinho sobre a base do papel da vontade: de resto, nos esforços da conversão, tornava-se frequentemente justamente a percepção da vontade e da liberdade do homem. Aprofundando esse conceito, Agostinho viu na pessoa o reflexo de Deus nos modos do ser, do conhecer e do amar. O conhecer tende a verdade e a verdade se identifica com Deus; a consequência é que a maior parte das demonstrações agostinianas da existência de Deus são demonstrações da existência da verdade.

Em contrapartida, existiam outros pensadores medievais que não advogavam a favor dessa completa oposição entre a fé e a razão⁹ e um dos mais expressivos representantes dessa conciliação foi Agostinho, que entre os séculos IV e V defendeu a busca de explicações racionais que justificassem as crenças. Ele foca no valor onipresente da ação divina. Para ele, o homem não teria autonomia para alcançar a própria salvação espiritual.

Contudo, as transformações experimentadas na Idade Média promoveram uma interessante revisão da teologia agostiniana. A chamada filosofia

⁹ A ideia de subordinação do homem em relação a Deus e da razão à fé acabou tendo grande predominância durante vários séculos no pensamento filosófico medieval. Mais do que refletir interesses que legitimavam o poder religioso da época, o negativismo impregnado no ideário de Santo Agostinho deve ser visto como uma consequência próxima às conturbações, guerras e invasões que viriam a marcar a formação do mundo medieval. SOUSA, Rainer Gonçalves. Filosofia Medieval; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/filosofia-medieval.htm>. Acesso em 06 de janeiro de 2021

escolástica apareceu com o intuito de promover a harmonização entre os campos da fé e da razão. Isso causou um momento de reflexão para os grandes estudiosos da época, algumas questões foram contestadas outras receberam elogios como também ganharam destaques, levando as religiões a questionarem sobre o Deus supremo sendo o pai de todas as coisas capaz de libertar o corpo e a alma do ser humano.

Agostinho nos faz pensar de forma mais digna de sermos humanos, de fato quem somos e o que nos faz desprendermos de tudo que nos aprisiona tanto exteriormente como interiormente. A doutrina ensinada por ele não se preocupa em ter ou possuir, mais, sim, em colocar cada pessoa em sintonia com a alma. A liberdade, alegria, bom senso assim como também bom humor. Agostinho vivia a felicidade da verdade, a felicidade verdadeira, que Deus é a alegria e a verdade. Buscar a Deus era sinônimo de procurar a felicidade, o que é impossível viver sem um amor de verdade. Várias e falsas felicidades virão e apresentar-se-ão diante de nós, prometendo-nos cada uma ser a verdadeira, e sem o conhecimento e a vivência da verdade, o engano é inevitável.

Sabe-se que pelo processo da felicidade, o homem vai desvendando o mundo pelo qual ele pertence nos primeiros anos de vida ele já nasce com características que lança o conhecimento em todos os sentidos. Com o passar dos anos ele vai se aperfeiçoando e ganhando liberdade para diferenciar tudo a sua volta, e com essa passagem ele pode decifrar o que pode ser liberdade e felicidade, ser feliz não é apenas sorrir é buscar Deus como seu único amor é demonstrar que está feliz de verdade e que ao mesmo tempo está bem consigo mesmo e com sua alma, com o seu desenvolvimento ele cria observações, experiências e muito conhecimento.

A relação constante estabelecida com um objeto pode ser concebida pela submissão de alguns atos, tais como comportamento, atitudes e até mesmo a própria vivência familiar. Uma boa relação transmite uma boa aparência, demonstra felicidade e também o desejo de ser feliz em meio familiar e social. ARENDT (1997, p. 25-26) destaca que o homem perde sua principal característica de ser humano, perde-se, veda-se ao entendimento e a partir

dessa perda, o mundo sensível por meio dos objetos se torna o centro de sua existência.

A ideia de subordinação do homem em relação a Deus e da razão à fé acabou tendo grande predominância durante vários séculos no pensamento filosófico medieval. Mais do que refletir interesses que legitimavam o poder religioso da época, o negativismo impregnado no ideário de Santo Agostinho deve ser visto como uma consequência próxima às conturbações, guerras e invasões que viriam a marcar a formação do mundo medieval. Agostinho, afirma que Deus é a felicidade e é ela que buscamos quando a Deus procuramos. Onde encontrarmos a felicidade, ali está Deus, se encontrarmos a felicidade isso significa que estamos em posse de Deus, pois são dois nomes da mesma pessoa: felicidade e Deus, ambos se completam.

Levando em consideração que para se chegar a algum lugar o ser humano precisa contemplar diversas fases da existência humana, a religião, a fé, a liberdade, o amor, o tempo, e, enfim, a realização da vida que ocorre quando a alma está livre das prisões do mundo e 27 somos capazes de viver nele como lugar onde ocorrem revelações por objetos e pessoas que participam dele se relaciona. Para Agostinho (2007. p. 278)

Dentro do tempo todas as possibilidades podem acontecer, e todos os estes ocorridos neles existentes vão premiando nossa história até que chegue a seu limite, meço o tempo eu o sei, mais não o futuro, que ainda não existe, nem presente, porque não tem duração nem o passado, porque não existe mais. Que meço então? Acaso o tempo não passa e não o tempo passado como disse acima.

Sabemos que o tempo tem grande poder de transformação, principalmente com o advento da fé e das ciências, de certa forma somos movidos por transformações que ocorrem ao longo da história. Essas transformações contribuem no desenvolvimento do mundo de onde viemos e da liberdade que temos e isso faz um elo entre o passado. Mais não podemos negar o fato de que a humanidade e o ser humano nunca se sentiram tão forte ao ponto de ser abalado. Assim o caminho para uma vida feliz é algo possível de ser atingido e conquistado, sendo necessárias pequenas coisas, o desejo verdadeiro de buscar a alma.

A possibilidade de encontrar uma vida feliz faz ver um Santo Agostinho que acreditava na existência da felicidade enquanto finalidade alcançável e que, ao mesmo tempo, se submete a um conjunto de situações que admite que embora a deseje, não a conhece, em sua teoria denominada reminiscência. Denominada iluminação, dizia que o homem receberia de Deus certa quantidade de conhecimento e que ficaria guardado na memória até o momento de seu uso, Agostinho defende que há no homem certa carga de informações que são depositadas por Deus e são usadas apenas quando são lembradas.

Diante disso, fica claro que Agostinho entende que a felicidade não pode estar em coisas corruptíveis, materiais e passageiras, mas sim em bens incorruptíveis e permanentes, e, por isso, para ser feliz é preciso ter Deus como pai supremo e que só ele é capaz de nos colocar no caminho certo e na hora certa.

Com isso, conclui-se que a visão de grandes filósofos e estudiosos sobre felicidade era bem diferente da visão que temos hoje, no mundo globalizado e competitivo que vivemos a felicidade está mais ligada às coisas, aos bens materiais, a riqueza, ao ter e não ao ser, já na antiguidade, felicidade era ter nome, ter honra e glória, ser enaltecido entre o povo, mas para alcançar esse patamar, era necessário morrer assim, para que tudo que fez em vida se perpetuasse e fosse lembrado por muito tempo, por isso a riqueza sozinha não tornava o homem feliz. Pondo ênfase nas virtudes naturais, Agostinho afirma que a felicidade depende de escolhas corretas e racionais. Ao contrário de Plotino, que localiza a raiz do mal no corpo e na matéria, Agostinho culpa a instabilidade da alma, insistindo no livre-arbítrio do ser humano.

A felicidade pode então ser definida como a salvação da alma, quando esta se afasta do orgulho e das paixões e ascende em direção a Deus, o “Uno”, a razão pura. A autêntica felicidade surge quando o indivíduo descobre Deus dentro de si. Ou seja, é um encontro pessoal com Deus, guiado pela senda da razão. Ser feliz ou encontrar a felicidade é uma construção racional séria, que marca a vida toda. Ainda convém frisar que seus ensinamentos sobre a vida feliz podem ser aplicados na vida hodierna.

Afinal, suas propostas apresentam a possibilidade de perceber que a felicidade não se encontra em um único momento ou experiência. Ao contrário, para experimentar a felicidade é importante viver bem cada fase da vida. Cada situação pode ser uma oportunidade para ser feliz. Além disso, é relevante compreender que as “coisas” não fazem de alguém um ser feliz. Ao contrário, elas podem servir como meios para desfrutar de forma ainda mais plena a realidade.

Para ser feliz é importante saber usar bem a liberdade disponível. Nesse caso, é imprescindível uma reorganização interna do eu, com ênfase nas relações consigo mesmo, com o próximo e com o divino. Certamente que entre as várias lições apresentadas, a felicidade agostiniana pode ser enfatizada como a necessidade de o Homem encontrar-se a si mesmo. Algo muito pertinente em dias tão complexos como os nossos.

5- Conclusão

Vivemos numa cultura predominante em que a felicidade é uma coisa certa, com isso, nasce o desejo de conhecer, buscar e descobrir esse sentimento por meio das nossas ações, daí encontramos a verdade, em outras palavras quando não nos sentimos enganados temos a certeza de que aquilo que buscamos é denominado felicidade. A felicidade é justamente isso, retira-se as ilusões, as representações que foram criadas pelos falsos relacionamentos com objetos e com pessoas, com isso são necessário que revertissem naquilo que é verdadeiro e com isso encontramos a felicidade.

O assunto, felicidade fascina e atrai as pessoas de todos os tempos e lugares, tornando-se impossível o esgotamento e a conclusão. É consenso que a felicidade é fundamental na nossa socialização como indivíduo, com isso faz-se necessário desenvolver mais leitura sobre a felicidade e a infelicidade, porque sabemos que esses sentimentos pertencem à alma, uma vez que somente a alma é morada do nosso destino, a relação que muitas vezes se estabelece entre felicidade e prazer tem significado em comum, ou seja, precisamos

notadamente sintetizar cada um deles para melhor assimilar no nosso dia a dia, com as coisas e o próprio homem.

Nesta grande busca pela felicidade, Agostinho caminha, por “amplos caminhos da memória”, procurando formas legítimas de reconhecer a felicidade, buscando os entendimentos e as percepções que lhe trazem as noções de vida feliz. Mas, também ele passa pelo campo da moral e não admite que se possa achar a felicidade na prática daquilo que é mau. Portanto, para Agostinho, não é qualquer alegria que serve como referência para a felicidade, mas somente aquela que está ligada a Deus, que “é o Bem Supremo, acima do qual não há outro”. Para ele a vida feliz, quando referenciada pela alegria, é alegrar-se no próprio Deus, sem existir outra possibilidade.

Concluimos que a felicidade, na perspectiva agostiniana, caracteriza-se por realizar-se sempre na segurança do eterno, já sob o ponto de vista contemporâneo o pensamento de Agostinho, sobre a felicidade, poderia ser considerado antiquado, uma vez que a relativização apareceu com força total, superando toda tendência absolutista.

Para Agostinho, Deus é o Ser supremo, o Bem por excelência. Enquanto ser existente no mundo, o homem deve orientar sua vontade livre segundo a razão, de modo a utilizar-se dos bens passageiros apenas como um meio para alcançar e fruir da única felicidade completa, o repouso no Deus Criador.

A razão é um poder concedido à alma humana, a fim de que possa ascender, desde os conhecimentos sensíveis até o reconhecimento de que há uma verdade totalmente transcendente, o Sumo Bem. Pelo poder racional, o homem move-se, enquanto ser cognoscente e moral, de acordo com a reta ordem estabelecida pelo Criador. O mal reside no afastamento dessa reta ordem, fazendo com que o homem ceda à concupiscência do pecado.

Buscar a vida feliz, sob a ótica de Agostinho, é caminhar entre as experiências da vida impressas nos “amplos caminhos da memória” e as aspirações de um futuro de tranquilidade estabelecidas pelas faculdades da razão. Para ele, vida feliz é quando referenciada pela alegria, é alegrar-se no próprio Deus, sem existir outra possibilidade. Conclui-se, ainda que a felicidade

é buscar a verdade e que podemos ser felizes vivendo de forma autêntica e real, e que quanto mais buscamos a compreensão da alma, estaremos cada vez mais desprendendo do mundo denominado cárcere, e estaremos cada vez mais em um mundo que nos revela alegria, sentimento e acima de tudo feliz.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Trad. de Maria Luiza Jardim Amarante. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, S. *A busca da verdade e a descoberta da felicidade* /. Janduí Evangelista de... Média. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2004. v. 1 (Coleção Filosofia).

AGOSTINHO, S. *A Natureza do Bem*. 1ª ed. Tradução: Carlos Ancêde Nogue. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2007.

ARENDT, HANNAH. *O conceito do Amor em Santo Agostinho*. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

BRISSON, L. *Platon. Timée - Critias*. Paris, GF Flammarion, 3ª ed. 2001.

SANGALLI, Idalgo José. A beatitudo como bem supremo em Agostinho. In: STEIN, Ernildo (Org.). *A cidade de Deus e a cidade dos homens de Agostinho a Vico - Festschrift para Luís Alberto de Boni*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SOUSA, Rainer Gonçalves. *Filosofia Medieval*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/filosofia-medieval.htm>.

SZLEZÁK, T. A. *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010

Recebido em: 05/2021

Aprovado em: 07/2021

